



About the Year

Europe is becoming more culturally diverse. The enlargement of the **European Union**, deregulation of employment laws and globalisation have increased the multicultural character of many countries, adding to the number of languages, religions, ethnic and cultural backgrounds found on the continent. As a result, intercultural dialogue has an increasingly important role to play in fostering European identity and citizenship.

The **European Year of Intercultural Dialogue - 2008** recognises that Europe's great cultural diversity represents a unique advantage. It intends to encourage all those living in Europe to explore the benefits of our rich cultural heritage and opportunities to learn from different cultural traditions.

Our school didn't miss this opportunity and we definitely believe that some of our students active involvement in the proposed activities has contributed to raise awareness of the importance and benefits of intercultural dialogue.

The European Year of Intercultural Dialogue (2008) was established by **Decision N° 1983/2006/EC** of the European Parliament and of the Council. (18th December 2006).





Sophia de Mello Breyner Anderson

Poetisa e contista portuguesa, nasceu no Porto, no seio de uma família aristocrática, e aí viveu até aos dez anos, altura em que se mudou para Lisboa. De origem dinamarquesa por parte do pai, a sua educação decorreu num ambiente católico e culturalmente privilegiado que influenciou a sua personalidade. Frequentou o curso de Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e teve uma intervenção política empenhada, opondo-se ao regime salazarista e sendo deputada após o 25 de Abril de 1974. Foi co-fundadora da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e presidente do Centro Nacional de Cultura e da Assembleia Geral da Associação Portuguesa da Escritores.

A sua actividade literária (e política) pautou-se sempre pelas ideias de justiça, liberdade e integridade moral.

Rita Teixeira 11º 38

Ausência

Num deserto sem água

Numa noite sem lua

Num país sem nome

Ou numa terra nua

Por maior que seja o desespero

Nenhuma ausência é mais funda do que a tua

Este é o tempo

Este é o tempo

Da selva mais obscura

Até o ar azul se tornou grades

E a luz do sol se tornou impura

Esta é a noite

Densa de chacais

Pesada de amargura





Porque

Porque os outros se mascaram e tu não

Porque os outros usam a virtude

Para comprar o que não tem perdão

Porque os outros têm medo mas tu não

Porque os outros são os túmulos caiados

Onde germina calada a podridão

Porque os outros se calam mas tu não

Porque os outros se compram e se vendem

E os seus gestos dão sempre dividendo

Porque os outros são hábeis mas tu não

Porque os outros vão à sombra dos abrigos

E tu vais de mãos dadas com os perigos

Porque os outros calculam mas tu não

(Leitura de **Sara Ribeiro 11º 38**)

José Carlos Ary dos Santos

Oriundo de uma família da alta burguesia, José Carlos Ary dos Santos nasceu em Lisboa a 7 de Dezembro de 1937. Aos 16 anos, vê as suas qualidades poéticas reconhecidas quando publica os seus poemas na Antologia do Prémio Almeida Garrett. Contudo, apenas em 1963 Ary dos Santos publica o seu primeiro livro de poemas intitulado "A Liturgia do Sangue". Em 1969, ano que o próprio considerava ter marcado decisivamente a sua vida, inicia-se na actividade política ao filiar-se no PCP, participando de forma activa nas sessões de poesia do então intitulado "canto livre perseguido". Entretanto concorre, sob pseudónimo, ao Festival da Canção da RTP com os poemas "Desfolhada" e "Tourada" obtendo os primeiros prémios. É aliás através da música que o poeta se tornaria conhecido entre o grande público.

Daniela Pinto 11º 38





A cidade é um chão de palavras pisadas

A cidade é um chão de palavras pisadas

A palavra criança a palavra segredo.

A cidade é um céu de palavras paradas

A palavra distância e a palavra medo.

A cidade é um saco um pulmão que respira

Pela palavra água pela palavra brisa

A cidade é um poro um corpo que transpira

Pela palavra sangue pela palavra ira.

A cidade tem praças de palavras abertas

Como estátuas mandadas apear.

A cidade tem ruas de palavras desertas

Como jardins mandados arrancar.

A palavra sarcasmo é uma rosa rubra.

A palavra silêncio é uma rosa chã.

Não há céu de palavras que a cidade não cubra

Não há rua de sons que a palavra não corra

À procura da sombra de uma luz que não há.

Estigma

Filhos dum deus selvagem e secreto

E cobertos de lama, caminhamos

Por cidades,

Por nuvens

E desertos.

Ao vento semeamos o que os homens não querem.

Ao vento arremessamos as verdades que doem

E as palavras que ferem.

Da noite que nos gera, e nós amamos,

Só os astros trazemos.

A treva ficou onde

Todos guardamos a certeza oculta

Do que nós não dizemos,

Mas que somos.

(Leitura de **Catarina Novais 11º 38**)



Miguel Torga

Escritor português natural de São Martinho de Anta, Vila Real. Proveniente de uma família humilde, teve uma infância rural dura, que lhe deu a conhecer a realidade do campo, sem bucolismos, feita de árduo trabalho contínuo. Após uma breve passagem pelo seminário de Lamego, emigrou com treze anos para o Brasil para trabalhar. De regresso a Portugal, em 1925, frequentou em Coimbra o curso de Medicina, que terminou em 1933.

A sua individualidade intransigente manteve-o afastado de escolas literárias e mesmo do contacto com os círculos culturais do meio português. A esta intensa consciência individual aliou-se, no entanto, uma profunda afirmação da sua pertença à natureza humana, com que se solidariza na oposição a todas as forças que oprimam a energia viva e a e a dignidade do homem, sejam elas as tiranias políticas ou o próprio Deus. Nessa revolta consiste a missão do poeta. A intervenção cívica de M. Torga, na oposição ao Estado Novo e na denúncia dos crimes da guerra civil espanhola e de Franco, valeu-lhe a apreensão de algumas das suas obras e até a prisão. Várias vezes premiado, nacional e internacionalmente, foram-lhe atribuídos, entre outro o prémio Diário de Notícias (1969), o Prémio Internacional de Poesia (1977), o prémio Montaigne (1981), o prémio Camões (1989), o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (1992) e o Prémio da Crítica, consagrando a sua obra (1993).

Hugo Sousa 11º 38

Comunicado

Na frente ocidental nada de novo.
O povo continua a resistir.
Sem ninguém que lhe valha,
Geme e trabalha
Até cair.

Depoimento

Deponho
No processo do meu crime.
Sou testemunha
E réu
E vítima
Juro.

Que havia um muro,
E na face do muro uma palavra a giz.
MERDA! – Lembro-me bem.
- Crianças...
- disse alguém que ia a passar.
Mas voltei novamente a soletrar
O vocábulo indecente,
E de repente
Como quem adivinha,
Numa tristeza já de penitente
Vi que a letra era minha...





Guerra Civil

E contra mim que luto
Não tenho outro inimigo.
O que penso
O que sinto
O que digo
E o que faço
E que pede castigo
E desespera a lança no meu braço.

Absurda aliança
De criança
E de adulto.
O que sou é um insulto
Ao que não sou
E combato esse vulto
Que à tradição me invadiu e me ocupou.

Infeliz com loucura e sem loucura,
Peço à vida outra vida, outra aventura,
Outro incerto destino.
Não me dou por vencido
Nem convencido
E agrido em mim o homem e o menino.

(Leitura de **Pedro Leite 11º 38**)

Ernesto Guevara de la Serna, mais conhecido como CHE GUEVARA

Nasceu a 14 de Junho de 1928 na cidade de Rosário na Argentina. A sua mãe foi a principal responsável pela sua formação porque, mesmo sendo católica, mantinha em casa um ambiente de esquerda e sempre estava cercada por mulheres politizadas

Em 1947, Ernesto entra na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, motivado em primeiro lugar pela sua própria doença, desenvolvendo logo um especial interesse pela lepra. Em 1952, realiza uma longa viagem pela América do Sul com o melhor amigo, Alberto Granado, percorrendo 10.000 km numa moto apelidada de 'La Poderosa'. Os oito meses dessa viagem marcam a ruptura de Guevara com os laços nacionalistas e dela se origina um diário. Aliás, escrever diários torna-se um hábito para o argentino, cultivado até a sua morte.

No Peru, trabalhou com leprosos e resolveu tornar-se um especialista no tratamento da doença. Che saiu dessa viagem chocado com a pobreza e a injustiça social que encontrou ao longo do caminho e identificou-se com a luta dos camponeses por uma vida melhor. Mais tarde voltou à Argentina onde completou seus estudos em medicina.

Guevara foi capturado em 8 de Outubro de 1967 na Bolívia. Passou a noite numa escola de La Higuera, a 50 quilómetros de Vallegrande, e, no dia seguinte, por ordem do presidente da Bolívia, General René Barrientos, foi executado com nove tiros. A sua morte, no dia 9 de Outubro de 1967, aos 39 anos, interrompeu o sonho de estender a Revolução Cubana à América Latina, mas não impediu que seus ideais continuassem a gozar de popularidade entre as esquerdas e é até hoje símbolo de resistência para os países latino-americanos.

Clases 36+37+46





Discurso del Comandante Che Guevara en la Asamblea General de las Naciones Unidas

12 de Diciembre de 1964

Cuba, señores delegados, libre y soberana, sin cadenas que la aten a nadie, sin inversiones extranjeras en su territorio, sin procónsules que orienten su política, puede hablar con la frente alta en esta Asamblea y demostrar la justeza de la frase con que la bautizaran: «Territorio Libre de América.»

Porque esta gran humanidad ha dicho «¡Basta!» y ha echado a andar. Y su marcha, de gigantes, ya no se detendrá hasta conquistar la verdadera independencia, por la que ya han muerto más de una vez inútilmente. Ahora, en todo caso, los que mueran, morirán como los de Cuba, los de Playa Girón, morirán por su única, verdadera e irrenunciable independencia.»

Todo eso, Señores Delegados, esta disposición nueva de un continente, de América, está plasmada y resumida en el grito que, día a día, nuestras masas proclaman como expresión irrefutable de su decisión de lucha, paralizando la mano armada del invasor. Proclama que cuenta con la comprensión y el apoyo de todos los pueblos del mundo y especialmente, del campo socialista, encabezado por la Unión Soviética.

Esa proclama es: Patria o muerte.

Clases 36+37+46

Ultimamente temos sido invadidos com diversas imagens sobre a China. Infelizmente, não nos mostram só um país próspero, muito desenvolvido, uma verdadeira potência a nível mundial, onde, no próximo mês de Agosto se irão realizar os Jogos Olímpicos.

Estamos também a ficar muito familiarizados com imagens que nos dão conta das constantes violações dos Direitos Humanos, das agressões, das prisões e até execuções a que os tibetanos e também os chineses estão sujeitos (é o país do mundo que executa o maior nº de pessoas por ano).

(continua na página seguinte)





(continuação do texto da página 7)

Nesta apresentação, seleccionámos, de forma aleatória, três exemplos elucidativos do desrespeito da liberdade de expressão e da violação dos mais elementares direitos do ser humano.

Começamos por apresentar um casal que é vítima da mais violenta repressão só pelo facto de ser activista dos Direitos Humanos e por procurar sensibilizar as pessoas na luta contra a sida.

Em seguida, apresentamos um intelectual tibetano que escreveu dois manuscritos, não publicados, sobre a História e a Geografia do Tibete. Encontra-se, actualmente, preso e pede ajuda à comunidade internacional.

E a terminar a nossa apresentação, mostramos que na China, as mulheres que não respeitam, com rigor, as regras do planeamento familiar serão violentamente reprimidas.

Classes 44+46

En Chine, la liberté d'opinion et la liberté d'expression ne sont pas respectées.

Les défenseurs des droits de l'Homme sont opprimés



Hu Jia et Zeng Jinyan

Hu Jia, 33 ans, activiste politique et militant des droits de l'Homme, s'est engagé dès le début des années 1990.

Zeng Jinyan, son épouse, elle aussi militante, figure sur la liste des 100 personnes les plus influentes établie en 2005 par le Times Magazine.

Hu Jia s'est impliqué dans la **prévention du SIDA**, notamment en informant l'opinion publique et en aidant les malades.

Il a été arbitrairement détenu.

Son épouse, Zeng Jinyan et leur fille, née en novembre 2007, sont isolées et assignées à résidence.

Cependant, en dépit de ces multiples harcèlements, le couple reste actif, faisant passer ses idées de chez eux, avec l'aide d'Internet.

DOLMA KYAB



En 2005, Dolma Kyab, jeune intellectuel de Lhassa, **a été arrêté le 9 mars, pour avoir écrit deux manuscrits, non publiés, portant sur l'Histoire et la Géographie du Tibet.**

Il évoquait le souhait des tibétains de voir le Dalaï lama revenir au Tibet.

Dans cet écrit, Dolma Kyab traite de thèmes aussi différents que la démocratie, le Tibet sous le communisme, le colonialisme ou la religion.





Le second manuscrit se penchait sur les aspects géographiques du Tibet, la géologie et la protection de l'environnement.

10

Le 16 septembre 2005, à huis clos, la **Cour Populaire Intermédiaire de Lhassa** l'a accusé de « mise en danger de la sécurité de l'Etat » et d'espionnage ou divulgation de « secrets d'Etat ». Ces crimes sont des plus graves en Chine.

Dolma Kyab a été condamné à dix ans de prison.

11

En novembre 2005, Dolma Kyab a réussi à faire sortir de la prison de Chushul, située à l'ouest de Lhassa, une lettre adressée au Comité des Nations Unies pour les droits de l'Homme.

12

Il affirme avoir été condamné pour avoir écrit sur la démocratie, la liberté et la situation au Tibet et en appelle à la communauté internationale :

“J'aimerais que vous portiez attention à la situation au Tibet et je vous demande de m'aider”.

13

Mao Hengfeng



14

En 1988, Mao Hengfeng, mère de deux jumelles, est enceinte pour la seconde fois, enfreignant les règles du planning familial.

Refusant d'avorter, elle est internée dans un hôpital psychiatrique, puis licenciée de son travail.

En 1990, elle attend son quatrième enfant et subit un avortement forcé au 7ème mois de grossesse.

15

Depuis lors, tout en se conformant aux procédures officielles, **elle proteste auprès des autorités chinoises contre son licenciement abusif, son avortement forcé et son internement en hôpital psychiatrique.**

16

Son militantisme lui a valu d'être arrêtée plusieurs fois, de subir des tortures et d'être placée, en avril 2004, en camp de travaux forcés pendant 18 mois.

17

En mai 2006, elle est détenue dans une pension de Shanghai où elle est surveillée par six personnes dans un espace réduit. Elle proteste contre l'illégalité de cette détention et casse deux lampes de table. **Elle est alors arrêtée et inculpée de « destruction volontaire du bien d'autrui ».** En décembre 2006, elle est condamnée à deux ans et demi de prison à l'issue d'un procès d'une demi-heure. Ses avocats ont été harcelés et menacés.

18

Powerpoint présenté par les élèves des classes 44+46

Trata-se de um poema de Boris Vian, inicialmente interpretado por Marcel Mouloudji, em 1954.

É uma canção contra a guerra e nasce no momento em que a guerra da Indochina tinha terminado há pouco tempo e se iniciava a guerra na Argélia.

Censurada e boicotada pela rádio e pelas Editoras, caiu, durante muito tempo, no esquecimento. Em 1996, com a vaga de protestos que se inicia em diversas universidades contra a guerra no Vietname, é redescoberta e cantada em Inglês e em Francês.

Tem sido interpretada por diversos cantores, nomeadamente, Serge Reggiani, Joan Baez e José Mário Branco.

Apesar de ter mais de cinquenta anos, pensamos que a sua mensagem continua a ser, infelizmente, muito actual.

Classes 44+46





Le déserteur

Monsieur le Président
Je vous fais une lettre
Que vous lirez peut-être
Si vous avez le temps

Je viens de recevoir
Mes papiers militaires
Pour partir à la guerre
Avant mercredi soir

Monsieur le Président
Je ne veux pas la faire
Je ne suis pas sur terre
Pour tuer des pauvres gens

C'est pas pour vous fâcher
Il faut que je vous dise
Ma décision est prise
Je m'en vais déserteur

Depuis que je suis né
J'ai vu mourir mon père
J'ai vu partir mes frères
Et pleurer mes enfants

Ma mère a tant souffert
Elle est dedans sa tombe
Et se moque des bombes
Et se moque des vers

Quand j'étais prisonnier
On m'a volé ma femme
On m'a volé mon âme
Et tout mon cher passé

Demain de bon matin
Je fermerai ma porte
Au nez des années mortes
J'irai sur les chemins

Je mendierai ma vie
Sur les routes de France
De Bretagne en Provence
Et je dirai aux gens

Refusez d'obéir
Refusez de la faire
N'allez pas à la guerre
Refusez de partir

S'il faut donner son sang
Allez donner le vôtre
Vous êtes bon apôtre
Monsieur le Président

Si vous me poursuivez
Prévenez vos gendarmes
Que je n'aurai pas d'armes
Et qu'ils pourront tirer

Boris Vian

(Poème lu par **Márcio T. 44**)

René Philombe nasceu nos Camarões, em 1930 e aí morreu em 2001.
É considerado o pai da literatura dos Camarões e a sua obra reflecte o desejo de libertação do povo africano.

O poema "L'homme qui te ressemble", publicado no jornal "Le Monde" em 1973, é um verdadeiro apelo ao encontro dos homens, independentemente daquilo que os separa.

Cristina et Cláudio T.45

L'homme qui te ressemble

J'ai frappé à ta porte
J'ai frappé à ton cœur
Pour avoir un bon lit
Pour avoir un bon feu
Pourquoi me repousser?
Ouvre-moi mon frère !...

Pourquoi me demander
Si je suis d'Afrique

Si je suis d'Amérique
Si je suis d'Asie
Si je suis d'Europe ?
Ouvre moi mon frère !... .

Pourquoi me demander
La longueur de mon nez
L'épaisseur de ma bouche

La couleur de ma peau
Et le nom de mes dieux,
Ouvre-moi mon frère !...
Je ne suis pas un noir

Je ne suis pas un rouge
Je ne suis pas un jaune
Je ne suis pas un blanc
Mais je ne suis qu'un homme
Ouvre-moi mon frère !...

Ouvre-moi ta porte
Ouvre-moi ton cœur
Car je suis un homme
L'homme de tous les temps
L'homme de tous les ciels
L'homme qui te ressemble !...

Cristina et Cláudio T.45



The first Americans

North American history from a Native American Indian's point of view makes sad and terrifying reading. From the beginning of European colonisation in the seventeenth century, the native peoples were pushed out of their homelands. They tried to live with the settlers in peace, but the agreements that were made were always broken. The whites hardly seemed to see them as human beings.

By the 1890s all the tribes had been pushed into reservations, while the European settlers had the freedom of the huge continent that had once belonged to the Indians. Even the land that was left to them was usually poor, because the good land was given to white farmers.


One of the chief causes of conflict between the Indians and the white settlers developed from their different concepts of ownership of property. The Indians did not believe that land could be private property of individuals; they believed that it was owned by the tribe that occupied it. Also, their principal source of food and shelter was hunting, and they needed large areas of unspoiled land to support the animals they hunted. (...)

But the Indians' first wars with European society were only the beginning of a long fight for the survival of their culture and identity. The US government's policy was to "civilise" them and bring them into line with the rest of American society. The practice of tribal culture was outlawed. Children were taken away to special boarding schools, where they could not speak their own language. As a result whole generations of Indians grew up with no confidence in their own culture, and no place in white society. (...)

Mary Glasgow Publications (adapted)

Class 43

I Am The Redman



I am the Redman
Son of the forest, mountain and lake
What use have I of the asphalt
What use have I of the brick and concrete
What use have I of the automobile
Think you these gifts divine
That I should be humbly grateful

I am the Redman
Son of the tree, hill and stream
What use have I of china and crystal
What use have I of diamonds and gold
What use have I of money
Think you these from heaven sent
That I should be eager to accept

I am the Redman
Son of the earth, water and sky
What use have I of silk and velvet
What use have I of nylon and plastic
What use have I of your religion
Think you these be holy and sacred
That I should kneel in awe

I am the Redman
I look at you White Brother
And I ask you
Save not me from sin and evil
Save yourself

Source: Helen Reddy, in America in China Ltd

**Everytime we refer to
Or everytime we look
At someone's colour
We are forgetting something
We are forgetting that
Inside, all of us have the same colour
That we can't ignore someone
Just because that person is a little different
Just imagine yourself in a different space
Where you are "the different one"
Do you feel less human?
Or with a minor soul?
No, I don't think so
Everytime you have racist thoughts
Just look inside of you
And realize that everyone is equal
That everyone deserves the same respect
When you realize that
You're gonna see that you like it
That this "colour" difference
Makes the world more interesting
So in the end
You know that we are equal but different
And you'll love it.**

By Lara 11° 35



End racism

We all must bring our
Racism to end
message to all, I long to send.
The colours of the world,
All join as one.
For the lord is our shepherd,
And we as his son.
Christ made all man in the likes of him.
So please let us all, “End Racism”.



1



White friend there are some things that you must know.

When I'm born, I'm black
When I go to school I'm black
When I sunburnt, I'm black
When I'm cold, I'm black
When I'm scared, I'm black
When I die, I'm black.

And you, white friend?

2

When you are born, you are pink
When you go to school, you are white
When you are cold, you get blue
When you sunburnt, you get red
When you are scared, you get yellow
When you are sick, you get pale
When you die, you are grey.

And are you that call me a “coloured person”?

I think that we should talk.



3



Martin Luther King, Jr

O Dr. Martin Luther King, Jr. nasceu a 15 de Janeiro de 1929, em Atlanta, e faleceu a 4 de Abril de 1968, Memphis e foi um pastor e activista político americano. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes pela mudança dos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não-violência e de amor com o próximo. Tornou-se a pessoa mais jovem a receber o Prémio Nobel da Paz em 1964, pouco antes de seu assassinato. O seu discurso mais famoso e lembrado é "Eu Tenho Um Sonho" ("I Have A Dream").

Em 23 de Agosto de 1963, à sombra do Memorial de Lincoln em Washington, o reverendo Martin Luther King Jr., na frente de uma multidão de mais de 250 mil pessoas, formava a maior concentração até então vista no país a favor dos Direitos Civis. Os negros, disse ele, receberam promessas de igualdade mas a América ainda não as honrara. Pagara-os com um cheque sem fundo. No meio de uma estonteante prosperidade de um país riquíssimo, os afro-americanos viviam isolados em ilhas de miséria, em guetos urbanos, atormentados pela segregação e pela brutalidade policial

Mas, alertou King, eles estavam fartos. O verão do descontentamento chegara. A América só teria paz se os negros tivessem garantido os seus direitos civis. Quando fossem realmente integrados à sociedade mais

pujante da terra. Voltando-se para a sua comunidade, King alertou-lhes que de maneira nenhuma permitissem abrigar nos seus corações ódio e amargura contra os brancos. "Não podemos marchar sozinhos!" Admirador de Gandhi, King encontrara o caminho da não-violência. O discurso aproximava-se do clímax. Um profeta encarnara no reverendo. Acometia-o um sonho, disse: "I have a dream!" A cena electrizou o país. Atrás dele, um coral informal de militantes negros repetiam suas palavras finais.

O reverendo tinha um sonho, repetiu. Que algum dia, mesmo na racista Georgia, os filhos de escravos e o dos senhores se sentariam na mesa da fraternidade, e que até o Mississippi viraria um oásis de irmandade. Que ninguém mais seria julgado pela sua cor e sim pelo seu carácter. Que por toda a América, num anunciado futuro, nas suas montanhas, vales, planícies, aldeias ou cidades, se ouviria o clarim da liberdade. Todos então, independente da raça, sexo ou religião dariam as mãos e, em júbilo, repetiriam as palavras de um velho espiritual negro: "Finalmente livres! Em fim livres! Graças a Deus Todo-Poderoso, finalmente estamos livres!"

Ao encerrar a multidão percebeu o acontecimento extraordinário. O Dr. King fizera um dos mais belos discursos políticos da língua inglesa. Mataram-no a tiros uns anos depois, em Memphis, a 4 de Abril de 1968. Como estará o sonho de Martin Luther King?

Pedro Barros - Class 36





Martin Luther King, Jr.

"I Have a Dream"

I am happy to join with you today in what will go down in history as the greatest demonstration for freedom in the history of our nation.

Five score years ago, a great American, in whose symbolic shadow we stand today, signed the Emancipation Proclamation. This momentous decree came as a great beacon light of hope to millions of Negro slaves who had been seared in the flames of withering injustice. It came as a joyous daybreak to end the long night of their captivity.

But one hundred years later, the Negro still is not free. (...)

Let us not wallow in the valley of despair, I say to you today, my friends.

And so even though we face the difficulties of today and tomorrow, I still have a dream. It is a dream deeply rooted in the American dream.

I have a dream that one day this nation will rise up and live out the true meaning of its creed: "We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal."

I have a dream that one day on the red hills of Georgia, the sons of former slaves and the sons of former slave owners will be able to sit down together at the table of brotherhood.

I have a dream that my four little children will one day live in a nation where they will not be judged by the color of their skin but by the content of their character.

I have a *dream* today!

I have a dream that one day, down in Alabama, with its vicious racists, with its governor having his lips dripping with the words of "interposition" and "nullification" -- one day right there in Alabama little black boys and black girls will be able to join hands with little white boys and white girls as sisters and brothers.

I have a *dream* today!

This is our hope, and this is the faith that I go back to the South with.

With this faith, we will be able to hew out of the mountain of despair a stone of hope. With this faith, we will be able to transform the jangling discords of our nation into a beautiful symphony of brotherhood. With this faith, we will be able to work together, to pray together, to struggle together, to go to jail together, to stand up for freedom together, knowing that we will be free one day.

And when this happens, when we allow freedom ring, when we let it ring from every village and every hamlet, from every state and every city, we will be able to speed up that day when *all* of God's children, black men and white men, Jews and Gentiles, Protestants and Catholics, will be able to join hands and sing in the words of the old Negro spiritual:

Free at last! Free at last ! Thank God Almighty, we are free at last!

Claudia Dias - Class 36





Friedrich HölderlinHölderlin

Foi um poeta alemão de transição entre o neoclassicismo e romantismo. A Grécia Antiga com os seus deuses é o seu paradigma de existência espiritual pela qual ele, permanentemente, alimentou uma terna nostalgia.

Stefan Zweig considerou este lírico como um mártir do espírito. Fez da poesia um autêntico sacerdócio. Levou as suas vivências até às últimas consequências. Viveu em espírito e para o espírito. Não se limitou ao suave e ameno bucolismo da sua terra natal e da sua Infância. Viveu com extática intensidade todos os transportes e arrebatos místicos.

Em relação à poesia em questão, “Hälfte des Lebens”, poderemos estabelecer uma equação metafórica entre o diálogo intercultural e interrelação entre as diferentes fases da vida, que tal como as águas de um rio, estão em constante movimento mas têm as margens circundantes como testemunhas de uma essência que é a base da construção de uma identidade pessoal. As diversas fases existenciais interagem entre si como entre si se devem relacionar as variadas culturas.

Hälfte des Lebens

Mit gelben Birnen hängen
Und voll mit wilden Rosen
Das Land in den See,
Ihr holden Schwäne,
Und trunken von Küssen
Tunkt ihr das Haupt
Ins heilignüchterne Wasser.

Weh mir, wo nehm ich, wenn
Es Winter ist, die Blumen, und wo
Den Sonnenschein,
Und Schatten der Erde?
Die Mauern stehn
Sprachlos und kalt, im Winde
Klirren die Fahnen.

The Middle of Life

With yellow pears the land
And full of wild roses
Hangs down into the lake,
You lovely swans,
And drunk with kisses
You dip your heads
Into the hallowed, the sober water.

But oh, where shall I find
When winter comes, the flowers, and where
The sunshine
And shade of the earth?
The walls loom
Speechless and cold, in the wind
weathercocks clatter.

Translation by **Michael Hamburger**

Sylvie – Class 44



SPRING – 2007 / 2008

European Year of Intercultural Dialogue

Ano Europeu do Dialogo Intercultural

Année Européenne du Dialogue Interculturel

Año Europeo del Diálogo Intercultural

Europäisches Jahr des interkulturellen Dialogs

